

## O PORTA BANDEIRA DE CAMPINAS

Um retorno às velhas recordações de patriotismo e dignidade, quando um moço soube honrar o seu berço, vale por um acorde sonoro na musicalidade, épica ou sombria, de saudade consoladora ou de entusiasmo criador para a mocidade.

Em 1803, nasceu em Campinas Luciano Teixeira Nogueira, patriarca conhecido como Major Luciano, homem realizador e prestigioso, que foi um dos chefes da revolução de quarenta e dois em Campinas, vereador que presidiu a nossa Câmara, um dos iniciadores da imigração do braço livre na província e eficiente colaborador no levantamento da Catedral, pai de trinta e quatro filhos em seus dois casamentos.

Depois de senhor do Engenho do Chapadão onde teve indústria açucareira, passou o Major Luciano à cultura do café, plantada em zona montanhosa como convicção da época, desbravando a região da Serra de Cabras onde se localiza o distrito de Joaquim Egídio que foi a sede de sua fazenda sob o nome de Laranjal, e que se transformou em bairro conhecido pelo nome de seu fundador Luciano Teixeira, até a construção da estação que levou o nome atual.

O Major Luciano, do seu primeiro casamento, realizado a 29 de abril de 1828, com Dona Francisca de Paula Ferraz, tinha, em 1865, nove dos dezoito filhos; mas já estava ele casado novamente desde 23 de dezembro de 1852, com Dona Joaquina Augusta Nogueira, e desta tinha, vivos, mais quatro filhos dos dezesseis destas segundas núpcias.

Pelo ano de 1864 mantinha o Major Luciano em São Paulo no Colégio "Culto à Ciência" de propriedade e direção do Dr. Antônio José de Moraes Pupo, em preparatórios para ingressar na Faculdade de Direito, o seu filho Francisco de Paula Nogueira que, em outubro deste ano recebera o atestado "Testimonium Virtutis" assinado pelo diretor do colégio.

Francisco de Paula nasceu em Campinas, no Engenho do Chapadão, aos 20 de janeiro de 1843, estudava em São Paulo quando os paraguaios invadiram o Mato Grosso. Desta invasão que provocou um

veemente sentimento de protesto em toda província, nasceram vários movimentos de arregimentação de voluntariado, destacando-se a Associação Promotora de Voluntários da Pátria que organizou batalhões deste nome, compostos da mocidade das escolas e das mais elevadas famílias do país.

Iniciado o voluntariado pela Associação, na cidade de São Paulo, logo em janeiro de 1865 apresentou ela um forte contingente de moços paulistas, muitos estudantes, entre os quais Francisco de Paula Nogueira que, alistado, voltou a Campinas visando o preparo de sua viagem para o Paraguai e a despedida dos seus entes queridos. Isto feito, deixou nossa cidade a cavalo, em companhia do posteriormente capitão Antônio Rodrigues Barbosa que nos relatava esta partida, e com outros companheiros, reunindo-se na capital da província a demais alistados que passaram a compor o 7º de Voluntários da Pátria, o primeiro formado na província de São Paulo.

O 7º era composto de oito companhias tendo, cada uma, um capitão, dois tenentes e dois alferes; o comandante era o major reformado do Exército, Francisco Joaquim Pinto Pacca e o alferes porta bandeira o campinense Francisco de Paula Nogueira, dizendo um historiador que "o magnífico corpo de oficiais, tirado dos elementos de destaque na sociedade de São Paulo, deve-se ao intemperato paulista, Dr. João Crispiniano Soares, presidente da província, que não aceitou a remessa feita pelo ministro da guerra, de oficiais nomeados dentre os voluntários da Corte". Na capital foram os exercícios de preparo e organização do material.

Em 2º de junho, de São Paulo, escrevia o Alferes ao pai em Campinas; desejava mais aprestos para a viagem, iriam partir até o dia 15 para o Mato Grosso, com o entusiasmo daquela mocidade patriótica que compunha o 7º. Não partiram, porém, nesse dia, continuando os exercícios até o mês de julho quando, tudo pronto, foi entregue aos voluntários a sua bandeira no dia 9. E as festas foram empolgantes, tendo o pendão pátrio recebido na Sé, a benção do Bispo Dom Sebastião Pinto do Rego, rodeado do Cabido, passado após às mãos do presidente da província que o entregou ao comandante Pinto Pacca, bandeira bordada em seda lavrada e oferecida pelas

senhoras paulistas, bandeira que tremulou nas batalhas da ilha do Ataio ou Redenção, Tuiuti e outras para simbolizar a glória que ainda representa, conservada com carinho.

Em 24 de julho, finalmente, partiram para o interior da província com destino ao Mato Grosso. Fazendo alto em Perús, receberam ordem de retroceder e seguir para Santos demandando o sul do país. Era o resultado das indecisões do ministro da guerra, o que ansiava os voluntários, agora a caminho do nosso litoral para embarcar em Santos no dia 12 de agosto de 1865, a bordo do "Princesa de Joinville" depois de desfilarem "causando a todos profunda admiração", diante ~~de~~ de enorme multidão que aclamava entusiasticamente das janelas e às margens do cais.

Aos 15 de agosto aportaram em Santa Catarina sob grandes aplausos da população e aos 25 na cidade de Rio Grande de onde passaram a Porto Alegre para necessário aquartelamento, continuando "pelo seu brilho, disciplina e garbo, a causar admiração geral", e elogiados em ordem do dia que recomendou aos outros batalhões que seguissem o exemplo do batalhão paulista. Conta José Nogueira Novaes em seu substancioso histórico de feitos do Alferes Nogueira, publicado em 1939, que a permanência dos paulistas em Porto Alegre, facultou-lhes assistir a alegria, o verdadeiro delírio, com a rendição de Uruguaiana. Depois de aprimoramento da instrução, partiu o 7º a 7 de outubro, percorrendo a cidade, do quartel ao ponto de embarque, sob uma chuva de flores; detiveram-se em Montevideu, seguindo após para os campos de batalha do Paraguai.

Em 1º de janeiro de 1866, seguem para Lagoas Bravas e a sua atuação empolga a quem ~~os~~ ve através das obras históricas como a de Pedro Dias de Campos e outros; o Alferes não retardava suas notícias para a família que lhe era muito saudosa; à sua irmã Ângela escreveu de "Corrientes junto as Lagoas Bravas" aos 24 de janeiro, sempre ansioso como disse em carta ao pai de "marchar para a campanha". Aproxima-se o batismo de fogo: em 5 de abril recebem a missão de ocupar e manter a ilha da Redenção ou do Ataio, ponto estratégico que os paraguaios guardavam cuidadosamente"; pela madrugada seguinte estavam em combate desfraldando nossa bandeira e

assim rudemente passaram os dias seguintes para na madrugada do dia 10, compondo um efetivo de 900 homens, serem atacados por 1.200 inimigos, quando o 7º era o mais visado por ter posição "saliente ao oeste de ilha"; escasseando-se a munição, deu o comandante voz de carga a baioneta, executada pela tropa "como um só homem", "apavorando os paraguaios que recuaram, combatendo primeiro e depois em debandada"; era 10 de abril.

Pela sua bravura foi o 7º de Voluntários da Pátria condecorado com a insígnia da Imperial Ordem do Cruzeiro que muito mereceu, como se pode medir pelas palavras do relatório do comandante Pinto Paça, afirmando que "a conduta do 7º batalhão de voluntários, que pela primeira vez sentiu o mortífero sibilo dos fuzis, me deixou sumamente orgulhoso do seu comando". Dois dias depois as tropas deixaram a ilha ocupando Itapiru.

Seguiram-se novos sucessos até 24 de maio, quando mais louros colheram os paulistas na grande batalha de Tuiuti, batendo-se "por longo espaço de tempo com uma força de infantaria superior em número, com a cavalaria e foguetes de congreve", foguetes estes que eram destruidores e terríveis projeteis de guerra. Novamente em fogo nos dias 13, 16, 17 e 18 de junho, sendo este último de ação das mais perigosas e violentas, chegaram ao combate do dia 24 na Linha Negra, quando um estilhaço atingiu o Alferes Porta Bandeira levando-lhe a cabeça, enquanto outro oficial ao seu lado conteve o pendão que não se abateu, embora seu condutor tombasse inanimado na flor dos seus vinte e três anos de idade.

Novos combates, novos louros do 7º até o término da guerra e o retorno à pátria, à cidade, aos lares. Chegaram nossos voluntários a 25 de abril de 1870 a São Paulo; "alegria indescritível festas, regosijo popular por todos os modos". Só em Campinas, na sua fazenda Laranjal, o quase setuagenário Major Luciano contemplava o firmamento, lacrimoso e cheio de saudades do filho moço que ficara morto pela pátria nos campos da guerra do Paraguai.

Aos 21 de outubro de 1884, agonizava o Major Luciano; como muitos daqueles que voam para a eternidade e que na hora extrema revelam a visão de imagem de seus queridos mortos, também o

senhor do Laranjal, em seus últimos momentos, fixando seu olhar como se ali estivesse alguém, exclamou: "olhe o Francisco".

Do "Correio Popular" de 28 de maio de 1968.